



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
BEATRIZ CORREA OLIVEIRA

**A CASA DAS SETE MULHERES:
ENTRE O FANTÁSTICO E O INSÓLITO**

Tubarão SC
2020



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
BEATRIZ CORREA OLIVEIRA

**A CASA DAS SETE MULHERES:
ENTRE O FANTÁSTICO E O INSÓLITO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade do Sul de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

Prof. Dra. Chirley Domingues (Orientadora)

Tubarão SC

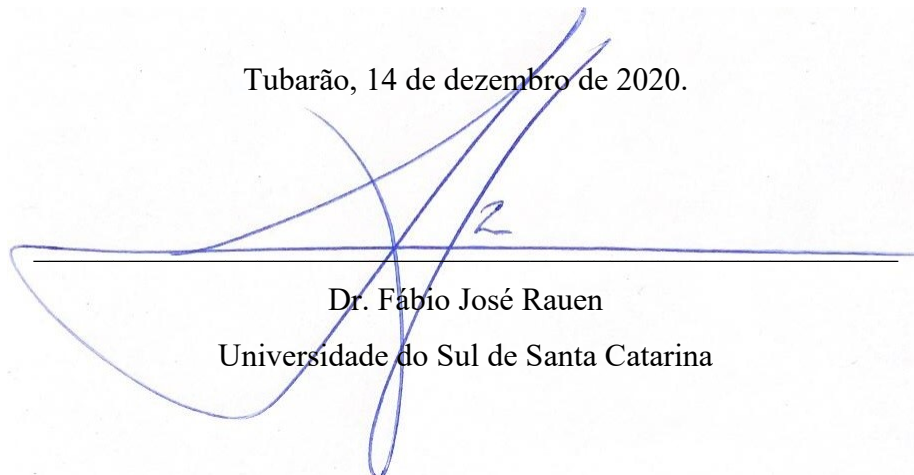
2020

BEATRIZ CORREA OLIVEIRA

**A CASA DAS SETE MULHERES:
ENTRE O FANTÁSTICO E O INSÓLITO.**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Licenciada em Letras Língua Portuguesa em 7 de dezembro de 2020 por banca formada pelas professoras Chirley Domingues (presidente da sessão), Daiane de Souza Alves Mauricio (avaliadora) e Silvânia Siebert (avaliadora); e foi aprovado em sua versão final em 14 de dezembro de 2020 pela professora Chirley Domingues (orientadora) e pelo professor Fábio José Rauen (professor da Unidade de Aprendizagem Trabalho de Conclusão de Curso II), que assina a presente declaração representando os avaliadores e a Coordenação do Curso de Graduação em Letras Língua Portuguesa da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão, 14 de dezembro de 2020.



Dr. Fábio José Rauen
Universidade do Sul de Santa Catarina

Aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me mantido com saúde para chegar até o final, principalmente por este trabalho ter sido desenvolvido durante a pandemia da Covid-19.

Agradeço imensamente aos meus pais, pelo incentivo e apoio, por sempre compartilharem seus valores, conselhos e sobretudo por terem acreditado em mim.

À minha orientadora Chirley Domingues, por sua dedicação, por me ajudar a montar um quebra-cabeça que comecei lá no início de 2019, mas cujas peças, finalmente, se encaixaram. Agradeço especialmente pela paciência durante a realização deste trabalho.

Agradeço aos amigos e colegas pela experiência que partilhamos juntos no decorrer do curso.

Finalizo agradecendo ao corpo docente da Universidade do Sul de Santa Catarina, em especial aos professores Alexandre Linck, por me levar do céu ao inferno (literalmente), mas foi graças a isso que cresci bastante como pessoa e, principalmente, como acadêmica. E a inspiradora professora Andreia Daltoé. Foi uma honra tê-la conhecido.

“A verdade nunca me chega inteira, é mais parecido com as peças de um quebra-cabeça, peças soltas que eu vou juntando” (Leticia Wierzchowski).

RESUMO

O trabalho aqui apresentado resulta de uma leitura do romance *A casa das sete mulheres* (2002), de Leticia Wierzchowski. Nossa proposta visou analisar a referida obra tendo por objetivo identificar nela a presença de elementos do insólito, verificando até que ponto esses elementos contribuem para aproximar a obra da literatura fantástica. A referência à literatura fantástica é identificada em outros trabalhos da autora, sendo, ainda, citada por ela em alguns dos seus escritos. Nosso objetivo nasceu de uma primeira leitura, que nos capturou por passagens do enredo que trazem elementos e acontecimentos “sobrenaturais”. Esse primeiro contato com o livro nos mobilizou para uma leitura mais ousada na qual passamos a analisá-lo considerando indícios ali encontrados, como a epígrafe dedicada a Jorge Luis Borges, e outras referências, como entrevistas concedidas pela escritora. Para alcançar o objetivo proposto, elaboramos uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico, mediada pela discussão proposta por Todorov (1970), Eco (1969 e 1987), e Garcia (2007). Ao final do percurso investigativo, concluímos que os elementos insólitos presentes na narrativa de Leticia Wierzchowski não são suficientes para caracterizar a obra como pertencente ao gênero fantástico. No entanto, um leitor menos perspicaz pode ser levado a essa classificação.

Palavras-chave: A casa das sete mulheres. Literatura fantástica. Insólito.

ABSTRACT

This work is the result of our reading of “A casa das sete mulheres” (*The seven women’s house*), a 2002 novel by Leticia Wierzchowski. Our intent was to analyze the work with the objective to identify the presence of the unusual in it, verifying to which extent these elements contribute to bring the novel closer to the fantastic literature. The reference to the fantastic literature is identified in other works from the author and is also quoted by her in some of her writings. Our goal was born from a first reading, that captured us through passages from the plot that bring “supernatural” elements and events. This first contact with the book mobilized us for a more daring reading, in which we started to analyze it considering evidences found there, such as the epigraph dedicated to Jorge Luis Borges, and other references, such as interviews granted by the writer. To achieve the proposed goal, we developed a qualitative bibliographic research, mediated by the discussion proposed by Todorov (1970), Eco (1967 and 1987) and Garcia (2007). At the end of the investigative path, we concluded that the unusual elements presented in Leticia Wierzchowski’s narrative are not sufficient to characterize the work as belonging to the fantastic genre. However, a less insightful reader may be led to this classification.

Keywords: A casa das sete mulheres. Fantastic Literature. Unusual.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	A OBRA.....	11
3	O FANTÁSTICO.....	20
3.1	LITERATURA FANTÁSTICA.....	20
3.2	O FANTÁSTICO E SUAS DIVISÕES.....	23
4	O INSÓLITO.....	26
5	CONCLUSÃO.....	31
	REFERÊNCIAS.....	33
	ANEXO A - CORRESPONDÊNCIA DE BENTO GONÇALVES DA SILVA.....	35
	ANEXO B - CONVERSAS COM LETICIA WIERZCHOWSKI NO INSTAGRAM....	36

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho nasceu de nossa admiração pela história da Guerra dos Farrapos e, conseqüentemente, pela narrativa apresentada em nosso objeto de pesquisa que tematiza este conflito. A obra *A casa das sete mulheres*, romance de Letícia Wierzchowski, caracterizada como romance histórico, foi publicada em 2002. A obra narra a história da família de Bento Gonçalves da Silva, líder da Revolução Farroupilha, durante o período da revolução (1835-1845). O enredo apresentado na obra decorre em um período de dez anos, no qual as personagens femininas, mulheres da família Gonçalves da Silva, são confinadas em uma localidade de difícil acesso à beira do Rio Camaquã, denominada Estância da Barra, propriedade pertencente à D. Ana, irmã do líder farrapo. São sete parentas que, juntamente com as crianças e os criados, acabam submetidas a uma constante espera por notícia boas ou ruins, por parte dos homens da família. O confinamento por longo tempo atinge a cada uma delas de maneira distinta, mas nenhuma delas passa incólume pela experiência. Em um período de conflitos civis, resta a essas mulheres o esperar e ver o tempo, marcado por perdas de maridos, filhos e pais, passar lentamente. No momento de isolamento vivenciados por elas, porém, alguns eventos insólitos são apresentados e é sobre esses, mais especificamente, que nos debruçamos nesse trabalho.

Antes de entramos na discussão proposta, entendemos que seja importante destacar que, já na apresentação da obra, a escritora destaca sua apreciação pelo gênero fantástico, aludindo ao escritor argentino Jorge Luis Borges. Este fato, aliado a alguns acontecimentos “sobrenaturais” presentes no enredo, além de algumas entrevistas concedidas pela escritora a respeito de sua posição como autora, levaram nossa leitura a considerar a possibilidade de o romance ser um representante da literatura fantástica. Nesse sentido, para o desenvolvimento do estudo aqui desenvolvido, nos aproximamos do primeiro teórico que nos serviu de referência. Estamos nos referindo a Tzvetan Todorov, autor que defendeu o fantástico como um gênero literário e cuja obra, *Introdução à literatura fantástica* (1970), apresenta um importante estudo sobre o gênero em questão. Além de Todorov, também trouxemos para a discussão *Obra Aberta* (1969) e *Os limites da interpretação* (1987), ambas de Umberto Eco, que nos ajudaram a discutir até onde podem ir as interpretações do leitor. Consideramos importante, ainda, trazer para a discussão Flávio Garcia com a *Banalização do insólito* (2007), pois esse é um dos elementos presentes no enredo da autora gaúcha e que dá título à presente pesquisa.

O trabalho por nós realizado se caracteriza como uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico, uma vez que nós nos apoiamos em referências diversas para leituras que nos propomos a desenvolver. A referida pesquisa se caracteriza, segundo Rauen (2018), por levantamento bibliográfico, leitura, fichamento, análise e interpretação das informações coletadas. Nosso método de trabalho incluiu três fases de desenvolvimento “levantamento das fontes de informações bibliográficas, tratamento das informações bibliográficas e redação” (RAUEN, 2018, p. 136), no nosso caso, do referido trabalho de conclusão de curso que se propõe a responder ao seguinte questionamento, a obra da autora gaúcha Letícia Wierzchowski, *A casa das sete mulheres*, pode ser considerada uma obra pertencente ao gênero da literatura fantástica?

2 A OBRA

Uma das mais famosas obras de Letícia Wierzchowski, *A casa das sete mulheres* apresenta um enredo ambientado em solo gaúcho, durante período da Revolução Farroupilha ¹(1835-1845), fato histórico que serve de pano de fundo para contar a história de Manuela e suas parentas. A narrativa se constrói pela ótica das mulheres da família Gonçalves da Silva, durante o período em que estão confinadas na Estância da Barra, quando os homens da família partem para a guerra. A justificativa para o conflito é conquistar a liberdade do povo gaúcho, livrando-o dos altos impostos cobrados pelo Império, na época do período regencial - durante a menoridade de D. Pedro II.

Enquanto as mulheres restringem-se à vida doméstica, marcada pela espera, os homens seguem em cumprimento da honra e partem em busca de glória. Lutar na guerra era uma questão de honra e orgulho para os homens, visão distinta a das mulheres, que a viam como sinônimo de aflições e perdas, as quais resultam em possíveis acontecimentos inexplicáveis, provocados pela tensão que adquiriu o ambiente em que as mulheres permaneceram cativas. Para as mulheres, restou apenas o esperar, ver o tempo passar, e esse tempo correspondeu há dez longos anos, em que a vida teve de acontecer. Marca-se assim a diferença entre homens e mulheres², pois a estas resta a vida reclusa, enquanto para eles a vida é uma aventura, como fica marcado no fragmento encontrado no próprio romance.

Sim, sempre os homens se vão, para as suas guerras, para as suas lides, para conquistar novas terras, para abrir os túmulos e enterrar os mortos. As mulheres é que ficam, é que aguardam. Nove meses, uma vida inteira. Arrastando os dias feito móveis velhos, as mulheres aguardam...Como um muro, é assim que uma mulher do pampa espera pelo seu homem. (WIERZCHOWSKI, 2017, p. 66).

A guerra e o amor caminham juntos na obra gaúcha, e os acontecimentos vivenciados pelas mulheres, na narrativa, incluem acontecimentos que, em certa média, podem levar o leitor a identificar essa como uma narrativa do gênero fantástico. No entanto,

¹ “A Guerra dos Farrapos, ou Revolução Farroupilha (1835 - 1845) – a mais longa guerra civil do continente, - foi uma luta dos latifundiários rio-grandenses contra o Império brasileiro. As complexas razões do levante estão nos livros de História. O que não está nos livros de História sobre essa guerra brasileira está neste livro de Letícia Wierzchowski. Porque *A casa das sete mulheres* é um exercício totalizador sobre a violência da guerra – de qualquer guerra – e sua influência maléfica sobre o destino de homens e mulheres.” – Tabajara Ruas sobre a obra *A casa das sete mulheres*, na contracapa da edição de 2017.

² Ainda que essa análise não se ocupe das questões de gênero, achamos interessante destacar as marcas evidentes dessa diferença, uma constante no livro de Letícia Wierzchowski

conhecendo melhor os elementos que caracterizam a literatura fantástica, entendemos que é preciso se debruçar sobre a ficção de Wierzchowski para verificar se, de fato, a aproximação de sua narrativa com o gênero estudado pelo crítico Todorov se efetiva.

O protagonismo do enredo pertence às sete mulheres. Manuela, Rosário e Mariana são irmãs, filhas de Maria Manuela, que é irmã de D. Ana, proprietária da Estância da Barra, e cunhada de Caetana, esposa de Bento Gonçalves e mãe de Perpétua. Algumas personagens têm mais destaque que outras, ao longo do enredo. Todavia, é em torno dos homens que a história gravita.

As tristezas e alegrias daquela casa resultam das atitudes dos homens, mesmo estando eles tão longe. São poucos os momentos em que as mulheres estão realmente felizes pelos acontecimentos domésticos, pois a maioria dos momentos se desenrolam em meio à tristeza, às lágrimas e às lembranças. Em sua maioria, os sentimentos daquelas mulheres são firmados na esperança de os homens da família retornarem a salvo, e a principal fonte de esperança delas se encontra nas orações. “D. Ana juntou as mãos em oração e pediu ‘pelos nossos maridos e filhos, que Deus os guie com a Sua própria mão, e que logo retornem, vitoriosos, a casa.’” (WIERZCHOWSKI, 2017, p. 28).

O tempo transcorrido na obra corresponde a longos dez anos, marcados pela angústia e pelas perdas. A primeira grande perda da família é Paulo, marido de D. Ana, irmã de Bento Gonçalves. Ela também perde o filho mais jovem, Pedro, na guerra. A última perda em questão foi a pior de todas para o coração daquela mãe. Antes de receber a notícia da morte do filho, D. Ana teve visões do jovem lutando e viu quando ele foi atingido por uma lança que lhe atravessou o corpo. Em um momento de descrença, jogou no chão, quebrando em vários pedaços, a imagem da Virgem, a quem ela pediu que intercedesse por sua família, por tantos anos. “A senhora foi mãe. Não podia ter feito isso comigo. Não é justo [...]” (WIERZCHOWSKI, 2017, p. 355). Esse foi o momento em que D. Ana já não tinha mais forças para se sustentar, após tantas tragédias sofridas pela família. Aos poucos, ela vai perdendo a esperança, cultivada durante uma década cativa. E assim, após a trágica morte do filho, a pobre mãe acaba perdendo todo o seu viço.

D. Ana incorporava a força daquele grupo. Ela era a amiga de todas as mulheres da casa. Cheia de esperanças, sempre, apoiava e oferecia conselhos às parentas nos momentos necessários, e ajudava a cuidar dos sobrinhos pequenos. Era a primeira a consolar a todas nos momentos difíceis, como ocorre quando os meninos Leão e Marco Antônio fugiram da Estância, sonhando em encontrar o caminho para a guerra e lutarem ao lado do pai, Bento

Gonçalves. Naquela oportunidade, foi D. Ana quem tentou acalantar o coração da desesperada Caetana, mãe das crianças.

No episódio, a aventura infantil das duas crianças sonhadoras, que fugiram de casa debaixo de forte chuva, revelou-se um motivo de horror e desespero para as mulheres da casa. Para as inocentes crianças, no entanto, era apenas a chance de se tornarem homens corajosos. “Não queriam mais restar naquela casa com tantas mulheres medrosas, vendo a mãe rezar horas e horas [...], pedindo vitória e zelos, quando tudo de que o general Bento, o grande e forte guerreiro e pai, necessitava eram mais espadas para atacar os imperiais”(WIERZCHOWSKI, 2017, p. 71). Os meninos, mesmo confinados em casa, reproduziam o comportamento masculino, ir para o mundo e viver aventuras. Aquela fuga infantil, porém, nos permite inferir que o espaço da casa é um espaço da mulher, não sendo do instinto dos homens a reclusão. Esses, são fascinados por uma “peleja”.

Em *A casa das sete mulheres*, o confinamento se mostra como sendo o fio condutor da narrativa e vai atingindo diferentemente cada uma das mulheres, que assumem novos comportamentos com o passar dos dias, dos meses e dos anos. O isolamento para Rosário provocou alterações extremas em sua rotina e seus sonhos. A irmã de Manuela era a mais cidadina das jovens. Inicialmente, não se conformava em ter de ficar tanto tempo na Estância da Barra. Sonhava em conhecer Buenos Aires, Paris e os bailes da Corte no Rio de Janeiro. Isolada com as demais mulheres, ela conhece um rapaz durante sua estadia na estância. Levada pelo desejo de sair daquela vida doméstica, ela acaba se apaixonando por esse jovem, um oficial uruguaio, de nome Steban, que certa noite aparece na Estância, ferido. Quando Rosário sai em busca de ajuda para o rapaz, ele acaba desaparecendo. Os moradores da casa o procuram, mas ele não é encontrado. Apenas Rosário consegue ver o jovem ferido. “Seus olhos azuis veem, encostado à estante, o vulto do jovem oficial. Ele não se mexe. [...] O soldado veste um uniforme azul, tem o peito coberto de medalhas.” (WIERZCHOWSKI, 2017, p. 45).

Algum tempo, depois, Rosário passa a encontrá-lo secretamente. Todavia, antes de suas saídas furtivas, ela passa horas à frente do toucador, penteando-se e perfumando-se, à espera de seu oficial. As visitas de Steban mexeram com a jovem, de tal forma, que ela passa a ter comportamentos estranhos perante as parentas. As irmãs acreditam que o jovem oficial seja um fantasma, pois ele jamais apareceu para outro membro da família, a não ser para Rosário. Mas, mesmo que as irmãs tentem convencê-la, ela não acredita que seja apenas uma visão. As mulheres da família associaram as aparições do rapaz aos delírios de Rosário, resultantes ao estresse do cotidiano.

Diante das circunstâncias, a mãe e o irmão da moça decidem mandá-la para o convento, sobre o pretexto de que o motivo de seus delírios seriam o fato de que a personagem já não ter mais liberdade de pensar como uma jovem moça à espera de convites para os bailes, ou a oportunidade de ser cortejada pelos mais belos rapazes do Rio Grande. Longe da aflição da família, há a esperança de que sua saúde possa melhorar, e de que as visões do soldado uruguaio não a atormentem mais. No entanto, Rosário sai de um confinamento para o outro, o que traz consequências terríveis para a moça. Já não estava mais tão perto o sonho de conhecer a Europa, ela estava confinada em uma estância, podendo ser cercada pelos soldados imperiais a qualquer momento e somente Deus saberá o que pode acontecer. De fato, acontece, mas a essa altura a jovem já estava vivendo no convento. Em dado momento do enredo, o Barão de Caxias, acompanhado pelo exército Imperial, aproxima-se das redondezas de Camaquã, como descreve a cena.

Dois mil homens se aproximavam! Com raiva, com ira com vontade de vencer e de esmagar a República e seus partidários. E estávamos nós ali, protegidas somente por um adolescente cheio de coragens, trinta peões e um altar tomado de velas.

- O Barão não seria capaz de invadir a estância. Isso não seria coisa de cavaleiro – disse D. Ana, pensativa.

Caetana olhou a cunhada [...] perguntou: ‘Desde quando essa guerra é coisa de cavaleiros? Fazia muito que essas elegâncias se tinham perdido entre degolas e matanças sem fim. (WIERZCHOWSKI, 2017, p. 406).

As mulheres se fecharam na casa por vários dias, e os peões passaram a vigiar a propriedade de forma rigorosa durante dias e noites, enquanto elas somente esperavam e concentravam-se em suas orações. O temor pelo qual passaram é narrado por Manuela em seus diários. “Falávamos baixo, comíamos pouco. Qualquer ruído nos alarmava até as dobras da alma, as negras andavam assustadiças, cheias de rezas.” (WIERZCHOWSKI, 2017, p. 406). A casa foi reaberta ao receberem a notícia de que o Barão atravessou o rio Camaquã para a execução de planos por elas desconhecidos.

Enquanto as mulheres da estância temiam sofrerem uma invasão, Rosário já era motivo de comentários por parte das noviças. “As noviças comentam que Rosário, a sobrinha do general-presidente, é louca. Que ama um fantasma. [...] Nunca o enxergaram com certeza. Uma delas achou tê-lo visto, certa noite, perto do pequeno cemitério.” (WIERZCHOWSKI, 2017, p. 399). Com o desenrolar da narrativa, vamos percebendo que as aparições do oficial Uruguaio são, tão somente, uma visão da frágil Rosário. Este fato, no nosso ponto de vista, já é um indício da presença do insólito na obra, marcado pela presença sobrenatural do jovem

rapaz. Rosário sempre diz que, quando o tio e seus homens visitam a estância, o oficial desaparece, pois tem medo de represálias.

A ida de Rosário para o convento é uma esperança para a recuperação da jovem. Mas, é em vão, pois a visão de Steban a segue até o convento. Perturbada pela paixão, Rosário se suicida e este fato, mais uma vez, evidencia na obra a presença do insólito, pois, de forma misteriosa, a arma usada por Rosário, uma espada uruguaia, chegou ao convento sem razões que justifiquem ou elucidem tal fato.

Rosário sabia bem o que deveria ser feito [...] Steban soltou a espada da cinta. Era uma espada pesada, com cabo de prata. Entregou-a a Rosário. Rosário sentiu sua pele ardente. [...] A espada pesava bastante. Ergueu-a com as duas mãos, bem na altura do peito. Steban sorria ao seu lado. Agora faltava pouco, faltava muito pouco para que estivessem juntos para sempre. – Rosário... A voz dele foi como um impulso. O metal entrou na sua carne sem dificuldade. (WIERZCHOWSKI, 2017, p. 456).

No dia seguinte ao suicídio, a família recebeu a notícia da morte de Rosário, o que se tornou uma triste surpresa para todas, afinal elas acreditavam na melhora da jovem. Por quais razões ela findaria sua vida dessa maneira? Após a Madre relatar como ocorreu a morte de Rosário, a mãe se desesperou e as tias, irmãs e primas, também. Nunca imaginaram que algo assim poderia acontecer. Por mais que houvesse estranheza nesse acontecimento, era só mais uma, dentre tantas consequências que aquela guerra trouxe.

[...] Rosário morreu. Se matou. Ontem à noite...Uma das freiras encontrou-a hoje cedo, quando amanhecia. [...] Com uma espada cravada no peito. Uma espada velha. Não sei de onde surgiu... Vosmecês sabem que no convento nós não guardamos armas. [...] A espada é antiga, não se lavram espadas como aquela hoje em dia. [...] Padre Vado disse que a espada não é daqui, uruguaia talvez. E mui velha, como le disse... (WIERZCHOWSKI, 2017, p. 457).

A primeira a saber sobre os encontros secretos de Rosário com Steban foi Mariana, jovem para quem o confinamento se tornou fonte de desesperança para encontrar um marido. Com todos os homens na guerra, não seria fácil encontrar um galante rapaz para se casar e construir uma família. A jovem é a irmã mais sonhadora de todas, sendo o casamento o seu maior objetivo. Ela se encantou por muitos rapazes ao longo da narrativa e dentre eles está um dos homens de Garibaldi. Trata-se de Ignácio Bilbão, que acaba morrendo no naufrágio que antecedeu a tomada de Laguna, em 1839. Mariana entristece com a notícia, mas se recupera. No ano seguinte, ela conhece e se apaixona por João Gutierrez, peão recém chegado à fazenda. Os dois se envolvem e ela acaba se entregando a ele. Desse relacionamento, nasce um filho. Mas essa gravidez é contra todas as convenções da igreja e da família. Maria Manuela tranca a

filha no quarto, mas ela acaba salva pela tia Antônia, que a leva para sua propriedade, a Estância do Brejo, enquanto João se alista nas tropas revolucionárias, pois, de alguma forma, ele quer colaborar para o fim da guerra e retornar o mais rapidamente possível para Mariana e seu filho. Como um soldado farrapo, João vivencia experiências que o fazem sentir-se um semideus.

Tirou uma vida, a vida daquele imperial que agora jaz caído no chão poeirento. Fez uma vida, ela agora pulsa no ventre de Mariana. Sente júbilo, a saliva tem gosto de vinho em sua boca espantada. Mudou destinos e ainda é o mesmo João de antes, porém mais vigoroso, um semideus. Há algum poder nessas mãos morenas, nessa alma de índio e de cantador. (WIERZCHOWSKI, 2017, p. 385).

Pode-se considerar que João e Mariana se apaixonaram à primeira vista. Mariana demonstrou interesse por alguns rapazes durante os 10 anos de revolução, mas não conseguiu bons finais para as relações, pois a maioria dos homens estava lutando na guerra e dela jamais retornaram. Enquanto Manuela era prometida a Joaquim, filho mais velho de Bento Gonçalves, houve a cogitação de Rosário casar-se com Afonso Corte Real, enquanto Mariana jamais foi sondada para pretendentes. De certa forma, ela se frustrava, pois todas as moças da família tinham planos para o futuro, menos ela.

A prima Perpétua não tinha compromisso com nenhum jovem rapaz, mas se apaixonou e se casou com Inácio, viúvo e proprietário da estância vizinha. Não desmerecendo o amor de Mariana e João, mas, das quatro jovens da casa, a que mais sonhava com casamento e filhos, era Mariana. De fato, no final ela conquistou seus sonhos, mas enfrentou dificuldades para realizá-lo. João era um peão, descendente de índios, enquanto Mariana era uma moça rica. Mas a diferença social não se revela como empecilho para a felicidade do casal. Até porque, ele a amava, antes mesmo de conhecê-la, e ela tinha reciprocidade pelo sentimento do rapaz.

Amava-a. Desde o primeiro momento, quando chegara na estância, trazido por Manuel, soubera que ali naquela terra, havia algo esperando por ele. Soubera como num sonho. Na primeira noite, tirara a viola do saco e fizera uma música de amor. [...] No dia seguinte, temprano, tinha cruzado com Mariana na sanga. Não haveria de esquecer o ardor que lhe varara peito, as carnes, a alma inteira. Depois daquele dia, ansiava estar com ela por todos os minutos. (WIERZCHOWSKI, 2017, p. 49).

A história de Mariana e João Gutierrez teve como cupido D. Antônia, uma das irmãs de Bento Gonçalves, tia de Mariana e proprietária da Estância do Brejo. A personagem não faz parte do núcleo das sete mulheres, mas é importante para o enredo. Não se pode considerar que esta personagem esteve confinada e esse confinamento lhe trouxe implicações como as demais parentas, pois ela sempre viveu em sua propriedade, antes mesmo do início da Revolução. Por

outro lado, ela acompanhou as angústias das jovens moças, uniu Mariana ao seu pretendente, mas colaborou para a separação de Manuela e Garibaldi, assim como auxiliou o irmão nos negócios da família, enquanto este cumpria atribuições como General-presidente da República do Rio Grande.

D. Antônia tornou-se viúva muito cedo e teve de assumir atribuições antes pertencentes ao falecido marido, diferentemente de suas irmãs e cunhada que, para tratar desses assuntos, tinham seus maridos. Com os homens na guerra, certas funções, antes cumpridas por eles, ficaram aos cuidados de D. Antônia, como a venda do gado, que até então era a principal fonte de renda da família, assim como da revolução. Durante os dez anos de conflito, parte do patrimônio da família se perde, o que provoca um sentimento de melancolia em Antônia e seu irmão, uma vez que estavam perdendo dinheiro para um ideal cuja esperança se perdia a cada dia.

A personagem sempre esteve presente em momentos que provocaram reviravoltas no enredo. Foi em sua propriedade que Giuseppe Garibaldi e seus companheiros se instalaram para construir os barcos que naufragaram antes de chegar em Laguna, assim como foi o local de muitos encontros secretos entre os casais Garibaldi e Manuela, assim como Mariana e Ignacio Bilbão. Também foi quem deu apoio para o romance de Mariana e João Gutierrez, e retirou a sobrinha do cárcere imposto por Maria Manuela e a levou para sua estância durante a gestação de Matias. A personagem possui boas ligações afetivas com Bento Gonçalves. Suas palavras valem mais que a de suas irmãs e cunhada. Parte dessa atribuição corresponde ao fato de ela ser a irmã primogênita. A personagem carrega muitas premonições em relação ao conflito em que estão vivendo. Na noite em que João Gutierrez retorna da guerra para conhecer seu filho, ela sonhou com a chegada do rapaz à Estância.

- Usted demorou.

A voz de D. Antônia ecoou no escuro, uma voz tépida e baixa, segura.

João Gutierrez assustou-se como se encontrasse pela frente o inimigo de espada em punho. Parou, teso. D. Antônia caminhou até o fogão, no qual ainda brilhavam algumas brasas, acendeu uma vela. João viu que ela sorria.

- Desculpe entrar assim – disse ele-, más no tengo tempo. Vim com as tropas do general Netto.

- Sonhei com vosmecê chegando... Levantei e vim espera-lo. – Sorriu mansamente. – Ainda tenho meus velhos pressentimentos. Mariana está no quarto com o menino. Venha, ela quer muito vê-lo. (WIERZCHOWSKI, 2017, p. 411).

D. Antônia foi muito prestativa com Garibaldi e seus homens enquanto estes estavam a serviço da República Rio Grandense, mas não concordou com o romance entre a sobrinha e o italiano aventureiro.

Giuseppe Garibaldi se encantou com a jovem Manuela, sobrinha do General-Presidente Bento Gonçalves, logo que a conheceu. Para a jovem Manuela, seus dias de confinamento passavam com o auxílio dos escritos em seu diário, cujas páginas narraram capítulos da vida de cada uma das mulheres da casa e notícias dos homens que estavam longe. Prometida ao filho mais velho de Bento Gonçalves, Joaquim, era considerada pela família como a moça mais sensata, e, por consequência, uma ótima futura esposa para o jovem médico recém-formado no Rio de Janeiro. No entanto, ela não gostava de seu prometido. Sua paixão era um marinheiro que para ela aparecia em visões. Ou seja, Manuela denota prever o sentimento de amor por Giuseppe, antes mesmo de conhecê-lo. E o marinheiro italiano aparece, de fato, para movimentar o enredo. Mas tão rápido como surgiu, ele desaparece, pois decide ir embora muito antes do final da Revolução. Sua presença é constante através do amor devotado de Manuela que, mesmo prometida ao primo Joaquim, recusa o moço para esperar por Garibaldi, ainda que o italiano tenha liberado Manuela para seguir em frente com sua vida, após se envolver com Anita e terem um filho. Mesmo sabendo que Garibaldi teve um filho com outra, ela continuou à espera de seu amor.

Eu amava Giuseppe Garibaldi desde muito antes de conhecê-lo, na tarde em que nos chegou com suas falas enroladas e seus modos corteses e alegres; eu já o amava desde que o pressentira, no começo de tudo, naquela primeira noite de 1835, ainda na varanda de minha casa, num arremedo de futuro que meus olhos tinham podido captar por graça de algum bom espírito. Mas como falar desse homem? Como contar dessa criatura ao lado de quem vivi os melhores instantes dessa minha existência, e por quem até hoje espero e anseio, a cada instante, a cada noite, no frescor de cada alvorada, de quem sinto o tênue perfume entre as fronhas do meu travesseiro, nos velhos vestidos daquele tempo, até mesmos nas tranças de meus cabelos desbotados? (WIERZCHOWSKI, 2017, p. 148, 149).

O romance entre Manuela e Garibaldi não era bem visto pelo tio, pois o italiano era um aventureiro dos mares, enquanto Manuela era uma jovem da alta sociedade Gaúcha, podendo até ser cortejada pelos mais belos rapazes da corte. Aliás, já era prometida a Joaquim, que a amava desde menino, e estava disposto a esperar que Manuela esquecesse Garibaldi para enfim poder desposá-la. Joaquim esperou o fim da Revolução para se casar com Manuela, com a esperança de que até esse dia ela já teria esquecido o italiano, porém a jovem não aceitou casar-se com o primo. “Joaquim casou somente em 1857, cansado de esperar por Manuela” (WIERZCHOWSKI, 2017, p. 461).

Manuela jamais se casou. A cada dia se tornava mais amarga e solitária, vivendo o fim de seus dias em uma casa em Pelotas, sozinha, sem a mãe, sem os irmãos, sem as primas, somente ela, tornando-se “eternamente conhecida como a ‘noiva de Garibaldi’”

(WIERZCHOWSKI, 2017, p. 461), enquanto os outros parentes, Mariana, Joaquim e seus outros primos, constituíram suas famílias. A paixão de Manuela por Giuseppe parece ter amenizado nela as agruras vividas no tempo da guerra. Ao que tudo indica, o amor se sobrepôs ao sofrimento. É o que parece destacar Manuela quando afirma que, “Apesar de tudo, a revolução fora um tempo feliz na minha vida. O que veio depois, pouca ou nenhuma importância teve [...]. Envelheci esperando Giuseppe. E ele nunca veio.” (WIERZCHOWSKI, 2017, p. 430). Manuela considerou os dias e anos em que permaneceu confinada com as parentas como os mais felizes de sua vida.

3 O FANTÁSTICO

3.1 LITERATURA FANTÁSTICA

Literatura fantástica é um dos gêneros literários mais antigos e populares, usado por grandes escritores da literatura universal. Alguns autores bastante conhecidos se dedicaram a ela, como: Jorge Luis Borges, Tolkien, Edgar Allan Poe, e Lovecraft. Obras clássicas desse gênero se tornaram fontes para grandes sucessos da televisão e do cinema, por gerações, tendo como exemplo a trilogia cinematográfica *O senhor dos anéis*, inspirada nas obras de J.R.R. Tolkien. As principais temáticas do fantástico seriam o terror, a ficção científica, o suspense e as situações que fogem à compreensão da realidade. Segundo Duarte (2013, p. 1), “No âmbito da literatura fantástica, Lovecraft foi um dos principais escritores estadunidenses contribuindo significativamente para o desenvolvimento do gênero, não só para o seu país, mas também, para a América como um todo.”

Ao escrever *Introdução à literatura fantástica*, Tzvetan Todorov tornou-se referência significativa dentro dos estudos do gênero. O primeiro capítulo do livro é introduzido pela seguinte frase: “A expressão ‘literatura fantástica’ refere-se a uma variedade da literatura ou, como se diz comumente, a um gênero literário”. (TODOROV, 2017, p. 7). Todorov também define o fantástico como um gênero histórico, que teve o seu auge e sua “queda”, dentro de um contexto histórico parcialmente definido, “o fantástico teve uma vida relativamente breve. Ele apareceu de uma maneira sistemática por volta do fim do século XVIII, com Cazotte; um século mais tarde, encontram-se nas novelas de Maupassant os últimos exemplos esteticamente satisfatórios do gênero” (TODOROV, 2017, p. 174-175).

Com a percepção da presença de elementos sobrenaturais, a literatura produzida a partir do século XX, apesar de ser influenciada pelas narrativas dos dois séculos anteriores, já não deveria mais ser classificada como “fantástico”, pois o mundo já estava em constantes transformações e em nada se comparava ao século XIX, pois a compreensão de mundo e os elementos considerados sobrenaturais já não eram os mesmos. (BORGES; CÁNOVAS, 2016). Sendo assim, de acordo com Calvino (2015, p.186), “[o] verdadeiro tema do conto fantástico oitocentista é a realidade daquilo que se vê: acreditar ou não acreditar nas aparições fantasmagóricas, perceber por trás da aparência cotidiana um outro mundo, encantado ou

infernal”. Nem toda a narrativa fantástica é crível, tendo o leitor a capacidade de duvidar dos elementos presentes na narrativa, próximo de uma narração de entretenimento.

O fantástico é um gênero cuja essência não é explicada de forma plausível. Ou seja, o fantástico é fruto do que é desconhecido para o mundo real. “Há um fenômeno estranho que se pode explicar de duas maneiras, por meio de causas do tipo natural e sobrenatural. A possibilidade de se hesitar entre os dois criou o efeito fantástico” (TODOROV, 2017, p. 31). O instante em que a veracidade dos acontecimentos é questionada, chama-se de hesitação e é nesse momento que, ao duvidar da veracidade dos elementos do texto, quando o leitor está hesitando, que o efeito fantástico se realiza. E aí está, segundo Todorov, a partir de uma definição de Soloviev, o verdadeiro fantástico, que ocorre quando se preserva “a possibilidade exterior e formal de uma explicação simples dos fenômenos, mas ao mesmo tempo esta explicação é completamente privada de probabilidade interna” (SOLOVIOV apud TODOROV, 2017, p. 31)³. Essas discussões levam à conclusão de que, ao duvidar da veracidade dos elementos do texto, o leitor estará hesitando, criando o efeito fantástico.

Todorov define três circunstâncias para que a narrativa seja considerada fantástica.

Primeiro, é preciso que o texto obrigue o leitor a considerar o mundo das personagens como um mundo de criaturas vivas e a hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados. A seguir, esta hesitação pode ser igualmente experimentada por uma personagem; desta forma o papel do leitor é, por assim dizer, confiado a uma personagem e ao mesmo tempo a hesitação encontra-se representada, torna-se um dos temas da obra; no caso de uma leitura ingênua, o leitor real se identifica com a personagem. Enfim, é importante que o leitor adote uma certa atitude para com o texto: ele recusará tanto a interpretação alegórica quanto a interpretação ‘poética’. Estas três exigências não têm valor igual. A primeira e a terceira constituem verdadeiramente o gênero; a segunda pode não ser satisfeita. Entretanto, a maior parte dos exemplos preenchem as três condições. (TODOROV, 2017, p. 38-39).

Segundo Borges e Cánovas (2016, p. 6), “no fantástico tradicional, a visão parte da solidez de um mundo real e, em oposição a ele, insurgem-se os elementos sobrenaturais; dessa colisão é gerado um choque entre universos bem distintos e pouco conciliáveis.” Considerando essa afirmação, vimos que na obra *A casa das sete mulheres* há fatos na narrativa que podem levar o leitor a aproximá-la do gênero fantástico. No enredo, quatro personagens, D. Ana, Manuela, Mariana e Rosário protagonizam cenas caracterizadas por ocorrência sobrenaturais.

Outro fato que se torna relevante quando analisamos a obra de Leticia Wierzchowski e sua relação com o gênero fantástico se refere ao narrador. Para Todorov (2017,

³ Conforme citado por Tomachevski (1965, p. 288).

p. 90), “nas histórias fantásticas o narrador diz habitualmente ‘eu’”, ou seja, o narrador costuma ser uma personagem. A obra *A casa das sete mulheres* possui uma narração mesclada, há capítulos narrados por um narrador-personagem, nesse caso, apenas Manuela assume essa posição através da escrita em seus diários, e capítulos narrados pelo narrador-onisciente, em terceira pessoa. Boa parte dos acontecimentos insólitos são narrados pelo narrador-onisciente, ou seja, não é Manuela quem conta-nos essas histórias, ela apenas confirma a veracidade desses acontecimentos em breves comentários em seus diários. Porém, por mais que o narrador de histórias fantásticas seja uma voz em primeira pessoa, sua palavra também pode ser duvidosa. De acordo com Todorov (2017, p. 91), “a palavra das personagens, esta, pode ser verdadeira ou falsa, como no discurso cotidiano.” Apesar de fazer comentários em seus diários sobre como Rosário estaria no convento, Manuela jamais a visitou, recebendo notícias de sua irmã através de sua mãe Maria Manuela. Este fato nos leva a uma atitude apontada por Todorov quando, ao fazer referência ao narrador do gênero fantástico, afirma que “o narrador-personagem facilita a hesitação: queremos acreditar nele, mas não somos obrigados a fazê-lo” (2006, p. 191). Diante do que nos apresenta a obra estudada, Manuela não tem elementos suficientes para aprofundar os acontecimentos de origens insólitos que ocorrem no enredo, pois narra somente o que vivencia, o que conhece, através de seus cadernos. Assim sendo, o episódio de Rosário, de certa forma, contribui para que distanciemos a obra de um enredo fantástico.

Manuela escreveu em seus cadernos durante dois períodos. Um período durante a revolução, e anos após, já na velhice, quando vivia na cidade de Pelotas. Em seus cadernos, a personagem reafirma o que aconteceu e, em outras situações, até adianta acontecimentos futuros, mas sem muitos detalhes. A morte de Rosário foi narrada antes mesmo desse fato acontecer, porém Manuela não detalha como foi que aconteceu a situação. Esse detalhamento só é esclarecido no final da história, e esse esclarecimento não possui lógica para as parentas. Por quais razões Rosário findaria sua vida? A família não comentou nem fez muitas especulações sobre o assunto. Segundo Manuela, “Rosário tinha morrido, morte cruel, vergonhosa, indecente até.” (WIERZCHOWSKI, 2017, p. 459).

O fato de Rosário ter se suicidado foi encoberto pela família. Por pouco, a jovem não pôde ter um enterro digno, por ter morrido em condições não aceitas pela igreja. No entanto, à jovem é dado um enterro cristão, graças a posição social de sua família. Seu nome, porém, caiu no esquecimento. O fato de a morte de Rosário não ter tido uma explicação plausível no enredo, sendo que o narrador onisciente disse uma coisa e Manuela disse outra, pelo fato de ela não ter estado presente na situação em si, finaliza a conclusão que esse acontecimento, esse arco da história, não pode ser tratado como fantástico. No entanto, não se pode negar que há

uma aproximação com o gênero, sobretudo em uma de suas subdivisões propostas por Todorov. Inicialmente, em nossa leitura, ficamos em dúvida se o romance de Wierchowski era ou não um evento fantástico, pois para um leitor ingênuo o desfecho de Rosário tem a possibilidade de ser tratado como tal. Uma leitura mais atenta e com o conhecimento da obra de Todorov, fomos verificando que, talvez, esse arco da história não asseguraria a definição dela como pertencente ao fantástico. Sendo assim, para um melhor entendimento, vimos ser necessário nos debruçarmos sobre as subdivisões sugeridas por Todorov. É o que nos propomos a apresentar a seguir.

3.2 O FANTÁSTICO E SUAS DIVISÕES

De acordo com Todorov (2017), o fantástico possui subdivisões, classificadas da seguinte maneira: estranho puro, fantástico-estranho, o fantástico puro, fantástico-maravilhoso, e o maravilhoso puro. Na obra aqui analisada, evidenciamos a possibilidade de aproximação de algumas dessas classificações.

O estranho puro apresenta eventos da narrativa que podem ser perfeitamente explicados pela razão, mas, de certa maneira, chocam o leitor devido aos acontecimentos serem tratados como incríveis, inusitados, inquietantes ou insólitos, provocando reações no leitor que possivelmente tornam a aproximação com o fantástico familiar.

O fantástico-estranho corresponde a acontecimentos que permanecem durante todo o enredo como estranho, mas, ao final, recebe uma explicação lógica. Alguns dos elementos destacados na obra *A casa das sete mulheres* não necessariamente recebem uma explicação racional.

O fantástico-maravilhoso é uma narrativa que se aproxima do fantástico puro, pois há uma aceitação dos elementos sobrenaturais para os quais não há explicações lógicas. Na nossa análise, entendemos que esta subdivisão é a que mais se aproxima de certos elementos presentes no enredo da obra *A casa das sete mulheres*, pois, em muitas das situações do enredo, não existe qualquer explicação racional. A morte da Rosário é um fato para o qual não há uma justificativa plausível. Pelo contrário, existe um estranhamento ainda, se considerarmos a arma que ela usou para cometer tal ato.

Por último, o maravilhoso puro é uma subdivisão na qual os elementos presentes no enredo não provocam qualquer reação nas personagens, assim como não provoca estranhamento nos leitores. Como destaca o autor, “o conto de fadas não é senão uma das variedades do maravilhoso e os acontecimentos sobrenaturais aí não provocam qualquer surpresa: nem o sono dos cem anos, nem o lobo que fala [...]” (TODOROV, 2017, p. 60). Todorov também enfatiza que o maravilhoso puro oferece certa justificativa frente aos acontecimentos do enredo, sendo em alguns casos a presença de hipérboles nas falas das personagens, o que ele considera como uma forma de expressão própria que compõe a narrativa.

A subdivisão apresentada também pode ter aproximação com elementos da obra *A casa das sete mulheres*, pois a paixão de Manuela por Garibaldi nos remete aos contos de fadas. Manuela via Garibaldi como seu príncipe, como uma esperança de vencer e conquistar a liberdade da República, que era o desejo de todos os homens que lutavam na guerra. Sua idealização por aquele homem era tão grande, que ela chegou a ter visões do marinheiro navegando pelo oceano antes mesmo de conhecê-lo pessoalmente. Ao vê-lo pela primeira vez, Manuela já sabia que aquele era seu grande amor, descartando desde o início a possibilidade de se casar com o primo Joaquim. Talvez a revolução tenha influenciado a jovem, de alguma forma, sobre o tipo de marido que ela não gostaria de ter, mas nesse caso não faria muita diferença. Joaquim era um médico, não lutava até a morte nas guerras, sua maior função era salvar as vidas que ali poderiam se perder, enquanto Garibaldi era um aventureiro que viajava pelo mundo e veio para o Rio Grande do Sul a trabalho. Lutar pela liberdade dos Rio Grandense, se tornará um lucro para ele, através da recompensa que receberia de Bento Gonçalves, posteriormente, seiscentas cabeças de gado.

A paixão de Manuela e Garibaldi, de um modo ou de outro, aconteceu. Por certo, a situação em que viviam a favoreceu, pois Garibaldi se afeiçoou à jovem Manuela, e a jovem encontrou o homem com o qual sonhava. Ele era a figura que correspondia aos sentimentos da moça, durante o cenário de guerra. Uma idealização maravilhosa, uma expressão representando o “verdadeiro amor”, uma esperança no meio de tanto caos.

Na cultura gaúcha, as memórias da personagem Manuela, que, de fato existiu na vida real, já fazia parte da literatura antes da obra *A casa das sete mulheres*. A personagem esteve presente na obra *Memoires de Garibaldi* (1860), de Alexandre Dumas. Segundo Leonhardt (2014, p. 16) “Grande parte do imaginário criado em torno da personagem advém dessa obra, mais um romance de aventuras do que propriamente uma obra memorialística.” Assim como os mesmos personagens foram retratados na obra *Garibaldi & Manoela: Amor de*

perdição, de Josué Guimarães (1986), cuja semelhança com a obra de Camilo Castelo Branco não é mera coincidência.

O romance de Wierzchowski chama atenção, ainda, pela idealização dos homens frente às razões pelas quais estavam lutando. A narrativa inicia com os homens lutando contra a tirania do Império e os abusos excessivos dos impostos cobrados. Inicialmente, tentam dialogar com os representantes do Império, mas não são ouvidos, eclode então, a Revolução Farroupilha. Porém, existe um certo idealismo fantasioso nesta guerra. Eles lutam pela liberdade que, para ser conquistada, provoca uma carnificina em massa. Basicamente, até a metade da narrativa, os homens sonham em conquistar a liberdade da República Rio Grandense, porém, da metade da obra em diante, já não se luta mais por liberdade, e sim pela honra. Mesmo que todos os generais saibam que estão em número menor de tropas, que os soldados passem frio e fome, e já não têm mais a mesma disposição para lutar, continuam marchando e carregando um sentimento de melancolia. Para os homens, a honra deve ser mantida e eles devem continuar lutando por liberdade, por mais que saibam que não terão bons resultados.

Para as mulheres, o sentimento é de aflição, pois elas não sabem quando findará aquele tormento. No contexto da narrativa, um sentimento melancólico jamais saiu de cena. As lembranças da guerra e das perdas permanecem, e dificilmente são esquecidas. Bento Gonçalves começou a ficar adoentado no período da revolução e faleceu apenas dois anos após o fim do conflito. “Bento Gonçalves da Silva morreu dois anos após o término da guerra, vítima de pleurisia, em julho de 1847, confinado na Estância do Cristal.” (WIERZCHOWSKI, 2017, p. 461). Pouca coisa esse personagem conquistou durante e após a revolução, a não ser seu nome gravado no seio da família, o que já era comum a época, através de seu neto, Bento Neto, filho de Caetano. O personagem que iniciou a narrativa como a idealização de um herói invencível, a finaliza como um herói cansado.

4 O INSÓLITO

Podemos identificar na obra *A casa das sete mulheres*, uma série de acontecimentos sobrenaturais que se caracterizam como insólitos, sendo este um elemento que sempre esteve presente nas obras da autora. A título de exemplo, citamos o primeiro romance escrito por ela, em 1998, *O anjo e o resto de nós*⁴, entre diversas outras narrativas. Podemos concluir que a obra por nós analisada é uma, entre tantas outras da autora que carregam características insólitas no seu desenrolar. Tal fato denota o apreço da autora pelas narrativas que assim se caracterizam, pois já no início do livro aqui estudado Wierzchowski usa como epígrafe um fragmento de *Os gaúchos – Elogio da sombra*, cuja autoria é de Jorge Luis Borges, famoso autor de contos, sendo muitos atribuídos ao gênero fantástico. Uma leitura mais atenta de *A casa das sete mulheres*, leva-nos a perceber que há uma aproximação com o referido gênero, mas, se considerarmos o estudo de Todorov, verificamos que faltam vários elementos que possam nos levar a definir a obra estudada como tal.

Entendemos que seja necessário destacar, porém, que esta é a nossa leitura, sendo ela apenas uma das leituras possíveis, pois, como enfatiza Eco, (1991, p.40), uma obra literária é “passível de mil interpretações diferentes, sem que isso redunde em alteração de sua irreproduzível singularidade.” Ou seja, toda narrativa está sujeita a receber diversas interpretações, não sendo a nossa, portanto, uma interpretação inválida. Eco defende a ideia de que todo texto prevê um leitor, seja ele um leitor semântico (ingênuo) ou um leitor crítico. “A interpretação semântica ou semiótica [sic] é o resultado do processo pelo qual o destinatário, diante da manifestação linear do texto, preenche-a de significado.” (ECO, 2016, p. 41). O leitor modelo tem a capacidade de encher de significados certas lacunas presentes no texto, baseados em conhecimentos já internalizados. Ou seja, nem toda interpretação corresponde à intenção do autor, uma vez que pode

[...] existir uma estética da infinita interpretabilidade dos textos poéticos que se concilia com uma semiótica da dependência da interpretação relativamente à intenção do autor, e pode existir uma semiótica da interpretação unívoca dos textos, que nega, contudo, a fidelidade à intenção do autor e recorre, de preferência, a um direito da intenção da obra. (ECO, 2016, p. 36).

⁴ Assim como a obra por nós analisada, *O anjo e o resto de nós* também já foi tema de pesquisas acadêmicas, entre tantos outros títulos de Leticia Wierzchowski.

A obra por nós analisada, para um leitor semântico (ingênuo), talvez possa ser considerada como uma referência do gênero fantástico. Uma leitura mais atenta, aliada às referências apontadas por Todorov sobre o gênero em questão, no nosso ponto de vista, é de grande valia para alertar o leitor sobre uma possível análise equivocada.

É evidente que o insólito, como tal, faz parte do universo fantástico, mas ele é uma categoria comum a diversos gêneros da literatura. O insólito aborda em sua narrativa diversas categorias como: o estranho, o realismo maravilhoso, o realismo mágico, e o sobrenatural, entre outras modalidades. Os eventos narrativos que se distanciam do realismo e provocam estranhamento, tanto por parte do personagem quanto por parte do leitor, são considerados insólitos. As situações presentes na narrativa desconstroem a idealização e provocam o desconforto de seus leitores, pois rompem completamente com o senso comum. Seria superficial tratarmos somente como personagens insólitos aqueles cujas características físicas são incomuns, como os zumbis, os vampiros, entre diversos outros seres desconhecidos, pois o insólito também trata de personagens comuns, cujas ações interferem diretamente nas suas características psicológicas. Se a narrativa não tiver nenhum elemento irregular e o leitor compreender absolutamente tudo o que está acontecendo, então não estará tendo contato com um enredo insólito, pois este

[...] não decorre normalmente da ordem regular das coisas, senão que é aquilo que não é característico ou próprio de acontecer, bem como não é peculiar nem presumível nem provável, pode ser equiparado ao sobrenatural e ao extraordinário, ou seja, àquilo que foge do usual ou do previsto, que é fora do comum, não é regular, é raro, excepcional, estranho, esquisito, inacreditável, inabitual, inusual, imprevisto, maravilhoso (GARCIA, 2007, p. 20).

Eventualmente, esses eventos insólitos se aproximam das características do fantástico, mas não sustentam as características do fantástico puro, como procuramos mostrar na análise aqui apresentada.

A presença do insólito em uma narrativa depende também dos recursos de linguagem trabalhados pelo autor em sua escrita. Dessa forma, tornam-se importantes as abordagens de Umberto Eco sobre o leitor-modelo e o autor-modelo. Sendo o autor um emissor e o leitor um receptor, pode ocorrer que nem sempre o leitor compreenderá os sinais deixados na narrativa pelo escritor, porém Eco (1994, p. 16) adverte que “o autor dispõe de sinais de gênero específicos que pode usar a fim de orientar seu leitor-modelo, mas com frequência esses sinais podem ser muito ambíguos”. Considerando essa afirmação de Eco, entendemos que outros leitores possam discordar da análise que realizamos neste trabalho. De nossa parte,

inferimos que houve uma intenção da autora estudada em referenciar ou indicar os elementos insólitos presentes na sua narrativa⁵. Ponderamos essa afirmação considerando alguns indícios encontrados desde o início da obra, quando a autora apresenta na epígrafe um trecho de autoria de Jorge Luis Borges, autor conhecido por suas histórias fantásticas.

Aprenderam os caminhos das estrelas, os hábitos do ar e do pássaro, as profecias das nuvens do Sul e da lua com um halo. Foram pastores do rebanho bravio, firmes no cavalo do deserto que domaram esta manhã, laçadores, marcadores, tropeiros, homens da partida policial, às vezes, matreiros; um, o escutado, foi o cantor. Cantava sem pressa, porque a aurora tarda a clarear, e não alçava a voz. [...] Certamente não foram aventureiros, mas uma tropa levava-os muito longe, e mais longe as guerras [...] Não morreram por essa coisa abstrata, a pátria, mas por um patrão casual, uma ira, ou pelo convite ao perigo. Sua cinza está perdida em remotas regiões do continente, em repúblicas de cuja história nada souberam, em campos de batalha, hoje famosos. Hilario Ascasubi viu-os cantando e combatendo. Viveram seu destino como em um sonho, sem saber quem eram ou o que eram. O mesmo acontece, talvez, conosco.
Os gaúchos – Elogio da sombra Jorge Luis Borges. (WIERZCHOWSKI, 2017, p. 7)

Esse trecho da obra, aliado a outros depoimentos da autora, leva-nos a cogitar a ideia de que houve uma intenção de aproximação dos elementos fantásticos e insólitos dentro da obra *A casa das sete mulheres*.

Eu quando escrevo um romance, em primeiro lugar eu escrevo para mim mesma. É por causa disso que eu escrevo. [...] Eu escrevo para passar uma aventura, para distorcer a realidade. Eu acho que o grande poder da literatura, para mim enquanto leitor ou quando eu tô escrevendo um livro é essa capacidade de desdobrar a realidade. Cê pode usar ela a seu favor ou simplesmente destruir ela e criar uma coisa nova. Um dos poemas que eu mais gosto da Wislawa Szymborska, Nobel polonesa, se chama Alegria da escrita, e é sobre o poder que o escritor tem quando tá escrevendo alguma coisa né, para tudo na mão do escritor ele é uma espécie de Deus. [...] O que importa é a viagem, não onde a gente chega, pelo menos para mim.
(Letícia Wierzchowski para o canal SescTV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IB2ukIqBo5M>. Acesso em: 25 jul. 2020)

Por abordar um conflito histórico, a Guerra dos Farrapos, o romance de Letícia Wierzchowski pode levar o leitor a acreditar que a obra deva ser fidedigna ao fato, quando na verdade apenas alguns personagens e datas históricas são representados no enredo. Na realidade, existem brechas na história. Em visita ao Arquivo histórico do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, em outubro de 2019 tivemos acesso aos arquivos particulares de Bento Gonçalves da Silva. Nos referidos arquivos não encontramos nenhuma carta dirigida à família durante o período da revolução (1835-1845). Nos documentos encontramos apenas arquivos com datas anteriores à revolução e após ter esta findado. A única carta que encontramos (Anexo

⁵ Ainda que ela, em entrevista que acompanhamos, tenha dito que essa não é para ela uma preocupação.

A) está dirigida à Maria Tomazia Xavier de Azambuja, sobrinha do general-presidente, mas esta não é retratada na obra da escritora gaúcha aqui estudada. Após a pesquisa realizada, procuramos a autora nas redes sociais (Anexo B). Em uma conversa, ela própria nos disse que pesquisou a história e, nas brechas que encontrou, escreveu a obra aqui analisada. Logo, todas as cartas que os personagens trocaram durante o enredo são frutos da ficção. Muitas brechas encontradas pela autora só foram esclarecidas 140 anos após o fim do conflito.

Em 1999, o pesquisador brasileiro Ricardo Franco da Fonseca encontrou na cidade de Pávia, na Itália, manuscritos pertencentes a Luigi Nascimbene⁶. Estes foram copiados e trazidos ao Brasil e, quando aqui chegaram, traduzidos e publicados em uma versão resumida em 2002, resultando na obra que hoje conhecemos como *Tentativa de independência do Estado do Rio Grande do Sul*. A citada obra foi originalmente publicada, em 1860, na França, sob o título de *Memória y Prospecto sobre a História de la América Meridional antes Colônias de España*, apenas 15 anos após o fim do conflito, em 1845, e é considerada a primeira publicação editada a respeito da revolução farroupilha, no mundo. Segundo Rozano⁷, (2009, p. 14) “A publicação cumpriu o compromisso de trazer ao conhecimento do público um relato desconhecido no Brasil por mais de 140 anos [...]”, como de fato aconteceu e ainda acontece com muitos fatos históricos.

Por muitos anos as causas e consequências do Decênio Heroico não tiveram nenhum registro histórico, até mesmo feitos e atos de bravura dos heróis farrapos – já naquela época estavam presentes no imaginário da população, ultrapassando, em muitos casos, as fronteiras da realidade – ficaram esquecidos, tanto por vencedores como por vencidos, distante da opinião pública. (ROZANO, 2009, p.13)

A liberdade poética⁸, e o encantamento do público com a história dos Farroupilhas foi o que permitiu que a autora desconstruísse e reconstruísse a narrativa, sem que ela precisasse se preocupar com a fidelidade da história real. No entanto ela manteve certa fidelidade com o contexto histórico.

⁶ Comerciante italiano que atuou durante a Revolução Farroupilha fornecendo provisões as tropas farrapas.

⁷ Organizador das publicações de 2002 e 2009 da obra *Tentativa de Independência do Rio Grande do Sul* de Luigi Nascimbene.

⁸ Ainda que tenha licença poética, como leitores nos surpreendemos com algumas descrições consideradas por nós como hiperbólicas. Estamos nos referindo a passagem na qual Garibaldi precisa transportar barcos farrapos por terra, até a costa gaúcha. “Duzentos bois foram requisitados em segredo pelos soldados de Davi Canabarro. A madeira necessária foi recolhida das matas e forjada em fogueiras, nas quais, depois, se assava a carne. Garibaldi **mandou construir duas grandes carretas, cada uma com quatro rodas, que tinham mais de três metros de altura e quarenta centímetros de largura.**” (Grifo nosso) (WIERZCHOWSKI, 2017, p. 249). Esse efeito hiperbólico pode ser considerado mais um traço da literatura fantástica no texto de Wierzchowski, como também apontado por Todorov

Sabemos que o objetivo da autora, ao que tudo indica, é envolver seus leitores com a narrativa e manter viva uma representação feminina daquelas que viveram o período da Revolução Farroupilha. No entanto, a obra não deixa de retratar um acontecimento que representa a identidade de um povo, de um dos mais belos estados brasileiros.

5 CONCLUSÃO

Com o auxílio das leituras feitas, tecemos uma discussão que teve por proposta destacar a presença do insólito na obra *A casa das sete mulheres*, sem, no entanto, caracterizar a obra como uma representante da narrativa fantástica.

A obra de Letícia Wierzchowski, por apresentar acontecimentos sobrenaturais ou inexplicáveis pela lógica da razão, fez-nos questionar com que elementos estávamos tendo contato. Observamos que há uma mescla de elementos e a autora, ao que tudo indica, não se preocupou em filiar-se a um gênero em específico. A construção do enredo, porém, pode levar um leitor ingênuo a atribuir a obra ao gênero fantástico, pelas justificativas nesse estudo apresentadas. O estudo que empreendemos, porém, nos levou a concluir que, os elementos encontrados na obra não são suficientes para caracterizá-la como uma obra do gênero fantástico. Há, por certo, uma aproximação desse gênero, pois o fantástico-maravilhoso aceita situações sobrenaturais que não podem ser explicadas pela razão, o que encontramos na narrativa em algumas cenas protagonizadas pela personagem Rosário. Porém, o desfecho da personagem foi narrado em terceira pessoa, o que já afasta a narrativa do fantástico. No entanto, não podemos deixar de registrar que o insólito está presente no romance, sobretudo se considerarmos as cenas em que aparece Steban, uma vez as passagens em que o personagem aparece nos remete ao incoerente e ao irreal, marcado pela indefinição.

Letícia Wierzchowski, assim como disse em suas entrevistas, não necessariamente se preocupou em retratar um ambiente próximo do real. Ela utilizou, sem dúvida, recursos para adicionar um “universo insólito” em sua obra. Nenhum dos fatos analisados são totalmente fantásticos, existem aproximações, somente isso. Quanto ao insólito, concluímos que Steban pode ser considerado um personagem totalmente fruto do insólito, mas permanecemos na dúvida sobre quem realmente seria esse personagem, um “espírito” ou um “homem”? Uma visão de Rosário?

Nossa dúvida enquanto leitores da obra, parece não ser uma preocupação de Wierzchowski, uma vez que ela própria expressou que o seu intuito com essa escrita foi representar a visão feminina durante a Revolução. Segundo a própria autora, o que mobilizou a sua escrita foi o desejo de representar a visão feminina durante um fato histórico, recordado dia 20 de setembro, anualmente, no estado do Rio Grande do Sul, ainda nos dias de hoje.

Muitas são as ficções que preservam fatos heroicos dos homens que deste conflito participaram, até porque, quando se fala em Guerra dos Farrapos, são os nomes masculinos que

preservam-se na história, como os de Bento Gonçalves da Silva, Giuseppe Garibaldi, Antônio de Souza Neto, Luís Alves de Lima e Silva, também conhecido como Duque de Caxias. Mas as histórias podem ser narradas sob outros pontos de vista e a narrativa se destaca por escolher a visão das mulheres, mães e esposas, destes homens tratados como “heróis”.

São nomes, são lembranças, são histórias que, de alguma forma, são relembrados ainda na atualidade. Indiretamente, é graças a obra *A casa das sete mulheres* que relembramos, que conhecemos e podemos dar voz para essas mulheres que participaram do evento. É evidente que não temos, não conseguimos muitas informações sobre como foi de fato o comportamento delas, e o que realmente viveram durante os dez anos de conflito. No município de São Lourenço do Sul, localizado no estado do Rio Grande do Sul, preserva-se até os dias de hoje a Fazenda do Sobrado, propriedade que de fato pertenceu à Anna Joaquina Gonçalves da Silva (Don'Anna), irmã de Bento Gonçalves. Infelizmente, não foi possível fazermos uma visita ao local e conhecermos um pouco mais a respeito dessa história, devido à pandemia da Covid-19. Considerando que a obra por nós analisada já foi tema de diversas pesquisas acadêmicas, ainda há a possibilidade de realizarmos muitas outras a partir desta que fizemos, além de trazermos outros temas relevantes como a construção do mito gaúcho, pois, de certa forma esta é somente uma narrativa de tantas outras construídas a partir da história que preserva-se no imaginário do povo gaúcho ainda nos dias de hoje. Ainda que consideremos relevante nos atermos à narrativa, nosso encantamento pela Guerra dos Farrapos, fato que inspirou esta belíssima obra, fez-nos ir em busca dos fatos históricos. Concluímos dizendo que, de certa forma, a obra foi feliz ao propósito de trazer à lembrança das mulheres gaúchas, das mulheres brasileiras.

REFERÊNCIAS

ARQUIVO Histórico do Rio Grande do Sul. Arquivo Particular Bento Gonçalves da Silva. BGS-49. Porto Alegre.

BORGES, Kelio Junior Santana; CÁNOVAS, Suzana Yolanda Lenhardt Machado. **O sobrenatural reinventado: o neofantástico em o anjo e o resto de nós**, de Leticia Wierzchowski. Revista de Letras, São Paulo, v.55 n, 2 p.79-97, jul./dez. 2015. UNESP

CALVINO, Italo. **Mundo escrito e mundo não escrito: artigos, conferências e entrevistas**. Organização de Mario Barenghi. Tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

DUARTE, Bruno Marques. **H.P Lovecraft na história da literatura fantástica dos EUA**. In: X Seminário Internacional de História da Literatura, 2013, Porto Alegre. Anais do X Seminário Internacional de História da Literatura, 2013.

ECO, Umberto. **Os limites da interpretação**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

ECO, Umberto. **Obra aberta**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

GARCIA, Flávio. (org.). **A banalização do insólito: questões de gênero literário: mecanismos de construção narrativa**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007.

LEONHARDT, Daniela. **Ecoss do romantismo em a casa das sete mulheres**. 2014. 141 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual do Centro-Oeste – Unicentro, Guarapuava.

LETICIA Wierzchowski | Entrevista | Super Libris [S.l.: s.n., 2016]. 1 vídeo de (12 min). Publicado pelo canal SescTV. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=IB2ukIqBo5M>. Acesso em: 25 jul. 2020.

NASCIMBENE, Luigi. **Tentativa de independência do Estado do Rio Grande do Sul**. Organização de Mário Rozano. Tradução de Elvo Clemente. Porto Alegre: CiaE, 2009.

RAUEN, Fábio. **Roteiros de investigação científica** [recurso eletrônico]. 2. ed. rev. e atual. Tubarão: Ed. Unisul, 2018.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

WIERZCHOWSKI, Leticia. **A casa das sete mulheres**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

ANEXO A - Correspondência de Bento Gonçalves da Silva⁹

Abanda sob a de Lavras
 Cristal 19 de
 Maio 1846

Por meu filho Bento fui de posse
 de vossas letas e ja heura me esta
 rian de parar, tanto p. saber que go
 vais saido, como p. he certeza que
 um boque teno o ingente parer de
 vos dar, a dose grama de fita.

Como breue perdendo a bre
 canvos, dicho p. esse accino de
 mostrar vos a suplicação que
 todo de ver vos mais legada tou
 go um parentesco: igual e a que
 tem vo por thia primos, e Primas.

Abraçai p. mim a vossa
 boa Mãe, Pai, Primordia, e meu
 Afilhado, fros, e aicos de v. e
 apitai o lor. de v. e
 Thia G. vos ama
 Bento G. da Silva

⁹ Enviada a sua sobrinha Maria Tomazia Xavier de Azambuja. Capital, 19/05/1846

ANEXO B - Conversas com Leticia Wierzchowski no Instagram

